

RÁDIO, MEMÓRIA E POLÍTICA: LEMBRANÇAS DE 64 E 74 NO BRASIL E EM PORTUGAL

CONSIDERAÇÕES TÁTICAS

As comemorações dos 50 anos do golpe civil-militar de 1964 no Brasil e dos 40 anos da Revolução dos Cravos, em Portugal, respectivamente, nos meses de março e abril de 2014, receberam, nessas datas, espaço importante nas programações de muitas das emissoras de rádio nos dois países, destacadamente aquelas voltadas para o jornalismo. Este capítulo se propõe a comparar tais coberturas jornalísticas, tentando analisar em que tom se deram as narrativas construídas nesse resgate memorialístico desenvolvido pelas emissoras brasileiras Band News e CBN e, em Portugal, pela Antena 1 e pela TSF. O objetivo foi perceber como, na atualidade, esses acontecimentos históricos foram rememorados e analisados, à luz de contextos políticos atuais, bem como aí se constituíram os jogos entre perspectiva histórica e jornalismo e a articulação, pelo acionamento da memória, entre o passado experimentado e apreendido e os modos de compreensão da atualidade.

Pode-se afirmar que para além das distinções entre os dois movimentos políticos e de natureza civil-militar, as abordagens jornalísticas dos dois momentos históricos receberam, quatro décadas e meio século depois, respectivamente, relevância e espaço similar nas rádios portuguesas e brasileiras. E o tom dessas coberturas, certamente, foi bastante diferenciado em função de como as sociedades desses países percebem os desdobramentos que tais acontecimentos históricos no Brasil e em Portugal tomaram nas décadas mais recentes, muito definidos que foram pelos rumos que a própria política tomou nessas nações umbilicalmente ligadas.

Enfim, este capítulo se dedica a analisar, comparativamente, as coberturas jornalísticas realizadas por emissoras de rádio brasileiras e portuguesas acerca de duas efemérides de caráter nacional muito importantes

nos dois países: as comemorações em Portugal dos 40 anos da Revolução dos Cravos (1974-2014) e o aniversário de 50 anos do golpe civil-militar (1964-2014), no Brasil. Na análise das programações, interessou-nos observar as estratégias narrativas mobilizadas pelos jornalistas das emissoras mencionadas com o objetivo de estabelecer o regate desses dois momentos históricos, bem como se definiu o tratamento das emissoras para, no presente, constituir seu discurso memorialístico.

RÁDIO E POLÍTICA

A vinculação das ondas sonoras à política marca a história do rádio. Desde o surgimento e popularização deste meio de comunicação, governos autoritários, populistas e/ou pretensamente democráticos e populares, além de tantos outros atores políticos, mantiveram e ainda mantêm, em países desenvolvidos, semiperiféricos ou nos países pobres uma forte ligação com este meio de comunicação. E o rádio tem estado presente na vida política seja para a tentativa de acesso ao poder em processos eleitorais ou com o objetivo de manutenção deste, através da manifestação de intenções de governo, propostas e pactos político-sociais e intervenções de mobilização social.

Foi a partir da década de 1930 que o rádio brasileiro passou a ecoar, mais intensamente e em função dos movimentos de 1930 e 1932, os primeiros e já emocionados e tensos discursos políticos para um número ainda reduzido de ouvintes que podia ter acesso a aparelhos receptores. O rádio se vinculou à política logo no início da década de 1930, com a Revolução Constitucionalista. Aos microfones da Rádio Record, César Ladeira lia diariamente inúmeros discursos sobre o movimento¹. Ladeira, aliás, ficou conhecido como o seu locutor oficial. Alguns estudiosos consideram que esta teria sido uma das primeiras experiências em rede do rádio brasileiro, uma vez que Paulo Machado de Carvalho organizou algumas das transmissões para que fossem ouvidas em todas as emissoras paulistas.

Logo em seguida, chegando ao poder em 1937, Getúlio Vargas, que já havia compreendido o potencial do rádio de mobilizar e sensibilizar a opinião pública, adotou uma série de medidas em relação à comunicação – ocupava-se da cultura e das artes. Mas ao mesmo tempo, se Getúlio

¹ Em sua tese de doutorado *Os (des)caminhos do radiojornalismo*, Gisela Swetlana Ortriwano assinala que em 1932 a Rádio Record organizou a cadeia de emissoras paulistas para a propaganda da Revolução Constitucionalista. Ladeira era forçado a falar 12 horas seguidas por dia, lendo pronunciamentos sobre o movimento (Ortriwano, 1990).

entrou para a história, por um lado, com a marca dessa sensibilidade para a cultura, por outro lado, não se deve esquecer sua forte ação controladora do rádio e da imprensa. O governo ditatorial de Vargas censurou as programações radiofônicas e o conteúdo da imprensa.

Outro episódio que marcou bastante a vinculação do rádio à política na história do Brasil foi a chamada Rede Radiofônica da Legalidade, capitaneada pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros, Carlos Lacerda postou-se ao lado dos comandantes e ministros militares para impedir a posse do vice, João Goulart (Jango). Para garantir a posse de Goulart, Brizola organizou o Movimento pela Legalidade, pedindo à Rádio Guaíba, que transmitisse seus pronunciamentos para todo Brasil. Várias outras emissoras gaúchas e de outros estados aderiram ao movimento, fazendo com que o sinal chegasse com toda força até Brasília. Jango tomou posse e o Brasil passou, pelos três anos seguintes por fortes turbulências políticas até o golpe de 1964.

O período militar brasileiro foi marcado, desde seu início, por censura e perseguições. Contra aqueles que eram percebidos como opositores do regime, os militares valiam-se de três armas: a censura, a suspensão de licença de funcionamento e o corte de verbas publicitárias governamentais, numa época em que as emissoras dependiam fundamentalmente desses recursos para a sobrevivência. Ao mesmo tempo, o governo se valia de campanhas por meio de *jingles* e *vts* como “Brasil ame-o ou deixe-o”, para buscar legitimidade e apoio da população.

Já sobre a relação do rádio português com a política, Santos (2003), ao estudar o Rádio Clube Português (RCP), no período referente a década de 1930, observou que nesta fase, as emissoras portuguesas iniciaram uma aproximação com grupos políticos.

Entre 1934 e 1936, os êxitos do Rádio Clube Português definem-se pelas ligações ao poder político, a jornais, como O Jornal do Comércio e das Colônias, e a associações de classe, como a Rede de Emissores Portugueses. Ao discurso patriótico e nacionalista junta-se a capacidade de luta contra a burocracia do Estado que tentava impedir os apoios financeiros ao exercício da radiofonia (publicidade), bem como a simpatia pública em especial no pós-incêndio do RCP em 1935, medida pelos cerca de cinco mil sócios do RCP então existentes. Consolidada a obra radiofônica, Botelho Moniz cavalgou o discurso nacionalista e patriótico, participando em comícios anticomunistas no Verão de 1936, na praça de touros do Campo Pequeno, em Lisboa, e no Coliseu do Porto, apoiando a construção da Legião

Portuguesa e criando o corpo de voluntários “Viriatos” que combateram militarmente pela causa de Franco (Abreu, 1995, 1996, 1998; Pena, n. p.). O Rádio Clube Português seria uma importante ajuda de Franco, em especial no arranque da sublevação (Díaz, 1997: 157), com informação a favor do movimento e retransmissão de galas benéficas de figuras a ele ligadas (Balsebre, 2001: 391). (Santos, 2003)

Cordeiro (2003) assinala em seu estudo o forte controle que o regime de exceção política em Portugal exerceu sobre o rádio. Assim como no Brasil durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas, também denominado Estado Novo, o rádio português, como também o foi a imprensa, sofria permanente censura prévia, com a submissão de roteiros de *sketches*, novelas, e, em especial, dos noticiários aos censores do governo. Segundo a autora, em Portugal, as relações do rádio com o poder político centravam-se numa estratégia de manipulação da opinião pública em defesa dos valores proclamados pelo Estado Novo. Cordeiro destaca que junta-se a este controle de conteúdos o de detenção e poder de controle dos próprios meios, pois

ao longo dos anos que o salazarismo, e depois, o marcelismo, dominaram a comunicação social, a rádio revelou-se um aparelho técnico e discursivo a serviço dos interesses de poder, e um instrumento para a legitimação da ditadura. Era o Estado que atribuía as frequências, e por isso, o sistema estava altamente controlado. (Cordeiro, 2003)

Cordeiro observa três fases importantes da história do rádio português após sua profissionalização: os anos dourados do rádio de enorme popularização, mas de uma programação ainda muito centrada no entretenimento e de produção em estúdio, em função das limitações técnicas; a busca de novos caminhos no fim da década de 1950, imposto pela chegada da televisão e após a saída de Salazar do governo e sua substituição por Marcelo Caetano, a busca de novos rumos e de rompimento com o sistema político instituído. Para a autora, no entanto, o rádio português redesenhou-se verdadeiramente foi com o fim definitivo da ditadura salazarista com Revolução dos Cravos, em 1974:

No pós 25 de Abril, encontramos três fases evolutivas: depois da libertação do fascismo, com a queda da censura e a conquista da liberdade de expressão, a rádio mostrou que o mecanismo analógico da sua comunicação poderia integrar outro, de carácter dialógico. Seguiu-se então uma primeira fase: a da nacionalização das rádios em Portugal, que resultou numa perda da vitalidade do sector, pois o

panorama dividia-se entre a RDP e RR. A segunda fase: resultado da falta de legislação sobre radiodifusão e da impossibilidade de entidades privadas poderem abrir as suas próprias estações emissoras, apareceram por todo o país as rádios livres, ou rádios piratas. Estas rádios inovaram e experimentaram novos formatos, preenchendo espaços de criatividade que tinham sido deixados em aberto pelas rádios nacionais. O conteúdo programático não tinha grande definição, ou preocupação com as expectativas dos ouvintes. No campo da informação, concretizaram habilmente uma tendência de carácter local, dando notícias aos ouvintes da zona onde os retransmissores escondidos emitiam ilegalmente. Se por um lado a rádio perdeu muito do que a havia caracterizado, por outro, veio ganhar novas ideias, um novo dinamismo e futuros profissionais. Esta é então a terceira fase, de regulamentação do sector que procurou dar resposta à necessidade de criação de uma lei que regulamentasse e pusesse uma certa ordem no panorama radiofónico num processo que terminou em 1989 com a legalização. (Cordeiro, 2003)

Pode-se afirmar, enfim, que os rádios brasileiro e português, cada um a seu modo, viveram a chamada Era de Ouro do Rádio, experimentando, por um lado, o início do *glamour* e força da cultura de massa com suas novas possibilidades e condicionamentos, e, por outro, o prévio controle de conteúdos por parte da censura exercidas pelas ditaduras getulista e salazarista que também do rádio se valiam para buscar a legitimação e apoio popular a seus governos.

Mas se essas são, de modo sinóptico, algumas das passagens importantes da história da mídia radiofônica no Brasil e em Portugal, nos seus aspectos de relação com a política, certamente muito mais intensa e diversa foi a relação deste meio de comunicação com a cultura, os modos de circulação da informação e da vida social como um todo. Desde seu surgimento, o rádio fez-se presente e atuante nas sociedades brasileira e portuguesa: agendando temas, agenciando modos e comportamentos e propondo interpretações do que se desenrolava no entorno da vida dos ouvintes. E ao instalar-se, discursivamente, como ator social, também o rádio colocou-se, naquele presente que se desenhava, como vetor de construção da memória futura, como veremos a seguir.

RÁDIO E MEMÓRIA

Pode-se entender a memória coletiva como o resultado de uma permanente negociação entre as percepções individuais e coletivas – imaginários e lembranças construídos coletivamente do que foi experimentado e apreendido. Em uma palavra, pode a memória ser compreendida como sendo muito mais do que uma prática de recuperar no tempo fatos, informações e circunstâncias, mas o modo como, no presente, enquadramos os fatos que nos antecederam. Essa busca de inscrever no acervo universal do conhecimento relatos e representações como referência e revelação de momentos da história humana, e também de posturas, percepções do mundo e/ou pela própria riqueza e força desses mesmos acontecimentos, instituindo-os como memória, corrobora a noção de que esta parece insinuar-se muito mais do que como um *locus* do passado (Le Goff, 1996), mas uma espécie de canal multitemporal, em que presente e passado sobrepõem-se e, assim, também projetam aspectos do próprio futuro.

À discussão que aqui propomos, parece cair bem a referência a Beatriz Sarlo (2007), cuja obra discute a memória dos acontecimentos que o povo argentino experimentou em função do longo e obscuro período de ditadura militar. “Que relato da experiência tem condições de esquivar a contradição entre a *firmeza* do discurso e a *mobilidade* do vivido? A narração da experiência guarda algo da intensidade do vivido, da *Erlebnis*?” Beatriz Sarlo (2007, p. 28) dedicou parte de seus estudos à reflexão sobre passado e memória, procurando compreender os modos como se construíram as “verdades” sobre a recente história política de seu país – entendimentos sobre o presente e apostas e anúncio de riscos para o futuro. Para a autora, o testemunho foi transformado em ícone da verdade ou, pelo menos, no recurso mais importante da reconstituição do passado – instituto a partir do qual Sarlo empreende suas reflexões sobre as maneiras e circunstâncias com as quais os argentinos convivem e lidam com seu recente passado de exceção política, marcado pela suspensão das liberdades individuais, perseguições políticas, sequestros e assassinatos praticados pelo próprio Estado.

Sobre a relação entre o que denomina firmeza do discurso e mobilidade do vivido, Sarlo acrescenta outras questões que tentam articular memória e narrativas. “A experiência”, pergunta, “se dissolve ou se conserva no relato?”. Outras questões apresentadas pela autora tentam inferir se é possível efetivamente lembrar uma experiência ou o que se recorda é apenas a lembrança previamente posta em discurso, “e assim só há uma

sucessão de relatos sem possibilidade de recuperar nada do que pretendem como objeto?”. Nessa hipótese, ao invés de reviver a experiência, “o relato seria uma forma de aniquilá-la forçando-a a responder a uma convenção?” (Sarlo, 2007, p.22).

As perguntas de Sarlo nos remetem aos modos como midiaticamente, no Brasil e em Portugal, a mídia veio construindo historicamente a memória acerca dos acontecimentos objeto deste estudo. E neste recorte pontual, observamos que tais rememorações são fortemente agenciadas pelo presente, reforçando a perspectiva de que o passado é uma construção permanente. Nunca está exatamente concluído. Como observaremos à frente, nas coberturas jornalísticas acerca dos 40 anos da Revolução dos Cravos e 50 anos do golpe civil-militar no Brasil, parece prevalecer menos a memória por meio dos relatos narrativo-descritivos dos fatos, mas perspectivas interpretativas e analíticas de tais acontecimentos à luz dos rumos históricos e seus nexos causais. Ou seja, mais do que para compreender o passado, a memória é acionada para tensionar e buscar entender o presente e projetar o futuro. Ao abordar a questão da memória produzida pela mídia, Bianchi (2009) destaca o importante papel dos meios de comunicação na constituição da memória coletiva. Para a autora, investigar configurações midiáticas que transpõem para o presente aspectos de uma memória radiofônica construída com o passar dos anos “é buscar refletir sobre o que foi vivido, mas não uma vivência guardada no passado, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois configura a trajetória do indivíduo com as mídias” (Bianchi, 2009). A autora assinala que quando nos referimos à memória cristalizada pela enunciação midiática,

se está falando não de um simples acionamento de uma lembrança marcante, mas da marca de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar. É o desenvolvimento da história de vida radiofônica de cada um desses indivíduos, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada pelos ouvintes, está inscrita em suas memórias, é parte de toda uma experiência vivida com o midiático. (Bianchi, 2009)

No caso de nosso objeto de interesse, a rememoração por emissoras de rádio brasileiras e portuguesas dos 40 anos da Revolução dos Cravos e dos 50 anos do golpe que depôs Jango, não se pode esquecer que nos

dois países, no momento em que se deram tais acontecimentos de grande envergadura política, o rádio se colocava, certamente – ao seu modo, em cada país – como o mais importante meio de comunicação à época. Daí ser possível afirmar que, em termos do conjunto de lembranças que se cristalizou nessas sociedades acerca de tais episódios, o rádio parece ter inscrito uma reverberação que atravessou o tempo e se faz permanente presente na memória da sociedade. Sons que ecoam e perduram no ouvido coletivo: de um lado, o grito lusitano de alívio, o choro da esperança, o canto livre da *Grândola*, de José Afonso; do outro lado, a explosão raivosa da convocação à ruptura, o brado convocatório ao combate ao inimigo inexistente e a voz civil amedrontada. Inscrições sonoras que emolduraram acusticamente tempos de mudança, de novos caminhos e descaminhos e cujos registros sempre que acionados parecem abrir-nos uma fenda temporal que transportam para o presente a voz-ato, o discurso-ação.

○ PAPEL DO RÁDIO NOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DE 64 E 74

No caso da Revolução dos Cravos, pode-se afirmar que o movimento de derrubada do regime salazarista está umbilicalmente ligado ao rádio. É que a senha para que os soldados portugueses fossem para as ruas e tomassem o poder foi dada pela veiculação da música de José Afonso, “Grândola, Vila Morena”, pelo programa *Limite* da Rádio Renascença. A música de Afonso tinha até então sua veiculação proibida, censurada pelo governo de Marcelo Caetano. O acordado entre os líderes do movimento foi que por volta da meia-noite, ao transmitir a música dentro do programa de Carlos Albino e Manuel Tomás, dava-se a senha para que o movimento ganhasse as ruas pois as condições para o golpe já existiam. Poucas horas depois, o Movimento Forças Armadas (MFA) ocupou locais estratégicos em todo o país, entre eles, meios de comunicação – televisão e emissoras de televisão e rádio como RTP, Emissora Nacional e Rádio Clube Português; e o Aeroporto de Lisboa, Quartel General, Estado Maior do Exército, Ministério do Exército e o Banco de Portugal.

O primeiro comunicado do MFA foi transmitido pelo Rádio Clube Português. Inicialmente, a transmissão estava prevista para as 04h00, mas ocorreu apenas às 04h26, depois da confirmação de que o aeroporto havia sido ocupado. O texto deste primeiro informe foi lido no ar por Joaquim Furtado. Daí em diante, foram vários comunicados que tinham o objetivo de informar sobre os avanços e conquistas de novos postos pelas tropas revolucionárias. A queda do governo de Marcelo Caetano seria informada

pelo comando revolucionário apenas às 19h50, por meio de um comunicado do MFA lido pelas emissoras de rádio em Lisboa e no Porto. Surpreendido pelo levante, Marcelo Caetano, sucessor de Salazar, informou por telefone ao líder do movimento, General António de Spínola, sua disposição em render-se. Em um curto espaço de horas, os portugueses colocaram fim a um regime ditatorial que teve início em 1926 e durou quase 50 anos.

PASSO A PASSO, O GOLPE NARRADO NO RÁDIO BRASILEIRO

No caso do golpe civil-militar de 1964 no Brasil, as ações de articulação política civil-militar que culminaram com a deposição do presidente João Goulart² no dia 1º de abril estiveram, pode-se dizer, por meses presente na imprensa e, no que interessa a este capítulo, nas principais emissoras de rádio brasileiras. Na verdade, a urdidura da queda de Jango, pode-se dizer assim, não foi feita exatamente às escondidas. Pelo contrário, os discursos que associavam o então presidente ao comunismo soviético, a aproximação com Cuba e à defesa da reforma agrária com desapropriações dos grandes latifúndios eram constantes e se espalhavam por todo o país, pelas ondas sonoras, anotados por parlamentares e outros líderes políticos e representantes da sociedade civil insatisfeitos com o novo presidente.

E o clima de instabilidade democrática no Brasil, que já se arrastava por cerca de três anos, desde a renúncia de Jânio Quadros, se agravou ainda mais a partir de 13 de março daquele ano depois da realização do “Comício das Reformas de Base”, que o país atentamente acompanhou pelo rádio. Foram momentos de grave tensão política, como o foi a chamada “revolta dos sargentos”, de setembro de 1963 e o pedido de Estado de Sítio por parte de João Goulart, em outubro do mesmo ano e, já em 1964, o “Comício das Reformas de Base”, a “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade”, a “Revolta dos Marinheiros e Fuzileiros Navais” e a participação de Goulart na reunião de sargentos e subtenentes da Polícia Militar ocorrida no Automóvel Clube do Rio de Janeiro, tudo isso no movimentado e histórico mês de março de 1964.

²Cabe lembrar que a insatisfação dos militares com os governos civis vinha desde o segundo governo de Getúlio Vargas, entre 1951 e 1954. Ministro do Trabalho retirado deste governo de Getúlio por pressão de militares e de setores conservadores da sociedade, João Goulart sempre foi alvo da intolância do alto comando militar. Também Juscelino enfrentou a resistência das Forças Armadas, tendo que abafar duas tentativas de golpe. Foi na rápida passagem de Jânio Quadros pela presidência que os militares se inquietaram ainda mais, depois da renúncia de Quadros e a ascensão do então vice-presidente eleito João Goulart.

Se em 1961 a Rede Radiofônica da Legalidade contribuiu de modo relevante para garantir a posse de Jango, foi também na mídia que o presidente brasileiro encontrou contra si, na articulação de sua retirada do poder, um inimigo poderoso: a denominada Rede da Democracia, que articulou órgãos de imprensa ligados a três importantes grupos de comunicação brasileiros O Globo, Diários Associados e Jornal do Brasil. A Rede surgiu como um programa radiofônico que passou a ser transmitido em outubro de 1963, encabeçado pelas emissoras ligadas ao grupo, a saber, Rádio Globo, Rádio Tupi e Rádio JB, e retransmitido para centenas de emissoras de rádio em todo o país. A rede transmitiu seus programas noturnos até a concretização da derrubada de João Goulart e a chegada dos militares ao poder.

BRASIL: RÁDIOS RELEMBRAM OS 50 ANOS DO GOLPE QUE INSTALOU A DITADURA

Para este capítulo, fez-se o acompanhamento nos dias 31 de março e 01 de abril de 2014 das programações das duas mais importantes emissoras de rádio *all news* brasileiras, que transmitem em rede para as principais capitais brasileiras, a Central Brasileira de Notícias (CBN)³ e a Rádio Band News⁴ sobre os 50 anos do golpe civil-militar. Foram acompanhadas as programações matutinas das duas emissoras, ancoradas, respectivamente, pelos jornalistas Milton Jung e Ricardo Boechat, considerados os mais importantes horários das emissoras. Importante dizer que nas duas rádios foi no dia 1º de abril que o assunto mereceu mais atenção. Nas programações das duas emissoras, prevaleceram conteúdos de recuperação histórica e de interpretação dos acontecimentos históricos de 1964.

Na rádio CBN, enquanto os fatos de 50 anos antes eram lembrados em textos apresentados pelo âncora Milton Jung, os comentaristas de economia, política e mesmo de esporte, que diariamente atuam na programação da emissora, apresentavam suas análises das consequências que o golpe civil-militar teve para o país nos mais distintos segmentos da sociedade. A jornalista especializada em economia, Miriam Leitão, fez uma análise do modelo econômico adotado no período da ditadura. Segundo a jornalista, o país experimentou, sob o comando dos militares, uma grave recessão, acompanhado de um alto índice da inflação. Para Leitão, a inflação foi uma das piores heranças deixadas pelos militares.

³ A CBN é uma rede de emissoras de jornalismo em tempo integral e pertence ao grupo Globo.

⁴ A Band News, também especializada em jornalismo, é uma emissora do grupo Bandeirantes.

Já o jornalista esportivo Juca Kfourri, no seu quadro diário *Momento do Esporte* disse que a madrugada do 1º de abril de 1964

foi uma noite escura, que tomou conta do Brasil e abafaram gritos de gol. Porque para quem se preocupava em ouvir, dos subterrâneos do regime militar, o que se ouvia eram os gritos de presos torturados e mortos pelo Estado ditatorial. Uma longa noite de 21 anos, a mais longa do Brasil e que não pode se repetir porque ditaduras, seja qual for, só agravam o que dizem combater. Desde que a liberdade abriu suas asas sobre nós, o Brasil com todos os seus problemas só progrediu. (Rádio CBN, 01/04/2014)

Ainda na CBN, o ex-cineasta Arnaldo Jabor, hoje comentarista político tanto na emissora quanto na Rede Globo de Televisão, preferiu destacar que a democracia brasileira, derrotada há 50 anos, ainda corre riscos, pois possui muitos inimigos nos dias atuais.

Nunca se falou tanto em democracia como ultimamente. Fala-se nela talvez por medo de que ela se transfigure e se deforme. Fazem-se grandes denúncias do passado para que não nos esqueçamos dos horrores, e é muito importante isso: punir e lembrar. Mas a democracia não pode ser definida apenas por ausência de ditadura. Pelo que ela não é ou não foi. É muito importante saber quem foram os inimigos do passado. Mas temos que pegar principalmente os inimigos da democracia hoje. Os que querem acabar com a liberdade de expressão. Os que arrasam o país pela corrupção sistemática e pela busca voraz do poder pelo poder. Há muitos inimigos da democracia por aí, passeando pelas ruas, principalmente as ruas de Brasília. (Rádio CBN, 01/04/2014)

É neste ponto que as coberturas das duas emissoras brasileiras mais tenham destoado. Se para Jabor lembrar a atenção ao passado é importante, mas não deve sobrepor-se aos riscos de hoje à atualidade, na Band News, o âncora Ricardo Boechat ressaltou que é muito saudável e positivo a discussão sobre quem fez o quê e qual foi o papel que cada um desempenhou durante a ditadura, mas que ele acha curioso que no Brasil, ao contrário do que Chile, Argentina e Uruguai fizeram ainda se tenha uma discussão engatinhando na comissão da verdade sobre punições àqueles que desempenharam algum papel nos porões da ditadura.

O que o exército de hoje precisa informar sobre o exército de ontem é o que o exército de ontem fez. Que general,

coronel, tenente fez o que, e com qual propósito para que a história tenha clareza sobre esse momento. Eu estou menos preocupado em caçar esses cacos humanos hoje ou pretender que se arrependam do que saber quem fez o quê. Para mim o importante é saber isso. O pior castigo para um torturador de 50 anos atrás é a exposição do seu nome e sua imagem àquilo que ele fez. Que esses personagens venham à tona e digam o que fizeram e porque fizeram. (Rádio Band News, 01/04/2014)

Boechat deu o tom da cobertura na Band News fazendo uma ampla defesa das liberdades individuais – de expressão, de pensamento e posição política. Fez ainda uma dura crítica ao modo como os políticos brasileiros colocam seus interesses eleitorais e mesmo pessoais acima das necessidades da população. Ressaltou a necessidade de se lembrar sempre o golpe militar de 1964, como modo de se reafirmar a importância da democracia.

RÁDIOS PORTUGUESAS CELEBRAM 40 ANOS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

As rádios Antena 1 e TSF foram as emissoras selecionadas em Portugal para o acompanhamento das programações de rememoração dos 40 anos da Revolução dos Cravos. Inicialmente, fez-se a escuta e observação de duas outras emissoras, a Rádio Renascença e a RTP1, mas em função do espaço dado à cobertura da comemoração dos 40 anos, as escolhidas foram as outras rádios já mencionadas.

Na cobertura da Rádio Antena 1, optou-se por um tom sóbrio, de detalhamento do histórico da Revolução. “Uma emissão especial dedicada ao passado com armas, e em especial dedicada ao presente e ao futuro de Portugal” (Rádio Antena 1, 25/04/2014). Foi assim que a programação especial foi anunciada na Antena 1, tendo sido transmitida, ao vivo, do Largo do Carmo, em Lisboa, lugar emblemático do movimento que derrubou Marcelo Caetano.

Também os repórteres da emissora fizeram participações ao vivo, com a transmissão ao vivo, de Lisboa e do Porto, com entrevistas e os discursos das principais autoridades do governo e da Assembleia da República. Em uma das participações, a repórter Antônia Carvalho destacou o protesto de um grupo de civis que se autodenominou Movimento de Revolução Branca, que fizeram um funeral simbólico da Constituição portuguesa, entregando vários exemplares da Constituição aos parlamentares presentes na comemoração.

A emissora apresentou, durante a manhã, um longo painel com estudiosos e especialistas que abordaram a revolução e seus desdobramentos sobre diversos aspectos. Um dos temas em destaque foram os problemas enfrentados na área da saúde pública, o Serviço Nacional de Saúde. Em um longo painel com debatedores da área da saúde, da economia e cientistas políticos discutindo a situação das políticas públicas em Portugal nos dias de hoje, em especial a da saúde, considerada pelo povo português a segunda maior grande conquista da Revolução dos Cravos, depois do direito ao voto⁵. Um dos debatedores foi o sociólogo Elísio Eustáquio. Para o debatedor, essa relevância apontada pela pesquisa justifica-se por muitos aspectos.

Realmente, uma das grandes, senão a principal conquistas do 25 de Abril foi a construção do Serviço Nacional de Saúde, que é reconhecido como um dos setores da nossa sociedade que funciona bem, mesmo quando comparado a outros serviços de outros países. E naturalmente as pessoas não querem perdê-lo. Isso não pode ser também desligado do facto de nós sermos uma sociedade que está envelhecendo rapidamente e, portanto, há cada vez mais gente recorrendo ao Serviço Nacional de Saúde. E também as pessoas uma outra consciência democrática, nesses últimos 40 anos, tendo mais consciência de seus direitos. Estão mais atentas, estão mais informadas e preocupadas com seus direitos. (Rádio Antena 1, 25/04/2014)

A emissora portuguesa, também neste dia 25, fez estrear a segunda parte da série “Os dias cantados”. O programa evocou as canções que foram, por assim dizer, a trilha sonora da Revolução dos Cravos. Foram selecionadas 40 canções que, desde a preparação e concretização da revolução, e posteriormente, na celebração da liberdade, marcaram este período histórico. A emissora destacou, além da “Grândola”, de José Afonso, a música “Maré Alta”, de Sérgio Godinho.

Já a TSF incluiu notas e notícias em todos os boletins informativos sobre as comemorações do 25 de Abril. Também transmitiu ao vivo os discursos das autoridades que lembraram as mazelas da ditadura salazarista e a redenção que veio com a revolução dos capitães da Revolução dos Cravos.

A TSF, durante várias semanas, levou ao ar o programete *O meu 25 de Abril*, no qual vários portugueses relembavam como foi que viveram o dia da tomada do poder pelos capitães revolucionários. O programete, com cerca de 20 segundos de duração, é aberto com uma vinheta em que

⁵ Esta informação da Rádio Antena 1 consta de pesquisa realizada pela Universidade Católica Portuguesa.

se ouve o dedilhar de guitarra portuguesa e a locução “O meu 25 de Abril”. No dia principal das comemorações, a emissora veiculava repetidamente os programetes, gravados por portugueses conhecidos da população e cidadãos comuns. Um dos programetes foi gravado por Eugênia Cunha, que no dia da revolução estava em Aveiro:

Foi só mesmo um... não sabia como tirá-las e a expectativa do que podia vir a acontecer. O fato de a televisão ter parado a emissão, as comunicações que os repórteres iam fazendo, mas era um primeiro dia e um primeiro dia de enorme expectativa. (TSF, 25 de abril de 2014).

Mas o acionamento da memória na TSF ganhou mesmo espaço foi na série de reportagens *Portugal de 74*, veiculadas entre os dias 14 e 24 de abril, sempre no horário das 15h00 e repetição depois das 22h30. Na chamada das reportagens, a lembrança saudosista de um Portugal idealizado:

(...) Almoçar no restaurante por menos de 50 cêntimos, comprar o jornal à tarde para saber as notícias, ir à mercearia e comprar tudo avulso em pacotes de papel, trabalhar ao sábado, cortar o cabelo e a barba para conversar as novidades e ao domingo à tarde, depois do trabalho ir ao futebol. Assim era Portugal há 40 anos à espera da revolução. (TSF, 14 de abril de 2014)

Importante registrar que para além da busca do resgate histórico e das análises do Portugal de hoje, à luz dos acontecimentos do passado, as duas emissoras observadas – talvez a TSF tenha feito mais esta opção que a Antena 1 – investiram mais na memória do que na história. Chamou a atenção o fato de que as duas emissoras pareceram privilegiar em sua programação depoimentos de pessoas comuns que abordaram a revolução a partir de sua experiência pessoal. Como no caso da série de reportagens acima, que mais do que tratar da revolução, optou por resgatar a memória da vida social do país no período pré-revolucionário pelo olhar (e memória) de categorias de trabalhadores: os ardinias, os taxistas, trabalhadores rurais, barbeiros, operários, entre outros.

CONCLUSÃO

Entre esquecimentos, lembranças efetivas e motivações e desenrolares imaginados sobre os movimentos de ruptura política vividos de modo tão distinto por Brasil e Portugal, o senso comum simplificaria assinalando

que, no Brasil, em 1964, o golpe civil-militar implantou um regime ditatorial, enquanto em Portugal, exatamente uma década depois, a Revolução dos Cravos pôs fim à ditadura salazarista que dominou o país europeu por quase meio século, “trazendo de volta a liberdade do povo”, como atestam diversos registros históricos da época, entre eles os da própria imprensa portuguesa. É um modo de se expressar, claro, os acontecimentos históricos que esses países viveram e que reordenaram os rumos de suas trajetórias a partir daí. Mas sabe-se, ao mesmo tempo, que nessas mesmas sociedades tais processos instalaram divisões que, de algum modo resistem até hoje, entre aqueles que apoiaram tais movimentos e os que ofereceram resistência aos novos tempos e circunstâncias políticas que tais acontecimentos instituíram.

Pode-se citar como exemplo, no caso brasileiro, e aqui tomando-se o cuidado de não redimensionar e sobrevalorizar tais eventos, algumas manifestações públicas em algumas cidades brasileiras no mês de outubro de 2014, depois da reeleição da presidente Dilma Rousseff que explicitamente pediram não apenas a retirada da presidenta, que acabara de ser eleita democraticamente, mas a volta da ditadura e dos militares no país. Como aqui se alertou, vozes isoladas, mas que mesmo pontualmente foram registradas e ganharam amplo espaço tanto na imprensa quanto nas redes sociais.

Já em Portugal, mesmo que se perceba, em geral, um sentimento de que a revolução cravista que pôs fim à ditadura salazarista de cerca de cinco décadas, cumpriu um papel importante na retomada da democracia e redesenhou o próprio modo de a nação portuguesa estar no mundo, há, certamente, vozes discordantes. Reconhece-se a importância e mesmo a “mágica” do 25 de Abril, que levou a cabo o governo de exceção de Marcelo Caetano, continuador do salazarismo, mas os rumos que a Revolução tomou dividem as opiniões dos portugueses: para alguns o movimento jogou Portugal num contexto de privilégios, desmandos e corrupções, para outros, o 25 de Abril trouxe de volta a democracia e a esperança. E há também os que lamentam o fato de que a revolução se afastou de seus objetivos e seu espírito original que era, para além da derrubada da ditadura, a construção de um país mais justo e moderno.

A observação das programações das quatro emissoras brasileiras e portuguesas sobre as comemorações das duas datas revelou-nos alguns aspectos relevantes. Primeiramente, é que o rádio certamente se coloca como um potente ambiente depositário da memória coletiva (Le Goff, 1996), seja nas inscrições ou mesmo reinscrições dos fatos que ele testemunha e registra, seja nos agenciamentos de temas e perspectivas que

privilegia nas proposições que faz ao ouvinte para acionamento da memória – conjugando-os, muitas vezes, com a busca de uma revisão história dos próprios acontecimentos em si, à luz da atualidade.

Nesse sentido, observe-se que, de modo enfático, o rádio reconhece a si próprio, mais do que um lugar de memória, mas como importante ator histórico-social que, em função de suas operações de caráter ilocutório e perlocutório (Rodrigues, 1993), serviu não apenas como meio para a visibilidade de tais acontecimentos, mas também os influenciou de forma efetiva – potencializando-os e recondicionando-os.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bianchi, G. (2009). Memória radiofônica – a trajetória da escuta passada e presente de ouvintes idosos. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Acedido em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3448-1.pdf>
- Bruck, M. S. & Castro, K. (2013). *Jornalismo radiofônico: retórica e vinculação social*. São Paulo: Intermeios.
- Cordeiro, P. (2003). *A Rádio em Portugal – consensos, dialogismos e interactividade: da palavra analógica ao ouvido digital*. Covilhã: BOCC. Acedido em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>
- Haussen, D. F. (1997). *Rádio e política*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Le Goff, J. (1996). *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp.
- Meditsch, E. (Ed.) (2004). *Rádio: sete textos sobre o meio que completou 80 anos de Brasil*. Florianópolis: Insular.
- Moreira, S. V. (1991). *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- Ortriwano, G. (1990). *Os (des) caminhos do radiojornalismo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rodrigues, A. D. (1993). O acontecimento. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (pp. 27-34). Lisboa: Vega.
- Santos, R. (2003). Rádio Clube Português: da escassez de frequências à grande importância no meio radiofônico nacional (1931-1936). *Revista Media & Jornalismo*, 3, 51-66.
- Sarlo, B. (2007). *Tempo passado*. São Paulo: Companhia das Letras.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Emissoras cujas programações foram observadas e analisadas:

Rádio Antena 1 (Portugal). Programação do dia 25 de abril de 2014.

Rádio Band News (Brasil). Programação dos dias 31 de março e 1 de abril de 2014.

Rádio CBN (Brasil). Programação dos dias 31 de março e 1 de abril de 2014.

Radio TSF (Portugal). Programação do dia 25 de abril de 2014.